



P.V.P. 5,95 €

*preço único colecção BIS*



## Capítulo Primeiro

Sou genebrino de nascimento e pertença a uma das mais importantes famílias desta república. Os meus antepassados foram conselheiros e síndicos durante longos anos. O meu pai adquiriu uma reputação excelente no desempenho com honra de diversas funções públicas.

Passou a juventude a ocupar-se sem tréguas dos negócios do seu país. Apenas no declínio da vida tomou mulher e tornou-se pai de família. Como o casamento explica o seu carácter, não posso deixar de vo-lo contar. Um dos seus amigos íntimos, chamado Beaufort, que era negociante, depois de ter vivido uma situação florescente, viu-se arruinado. Este homem possuía um carácter orgulhoso e íntegro, e não pôde suportar a ideia de viver pobre na cidade que o tinha visto rico. Após ter pago escrupulosamente as dívidas, retirou-se com a filha para a cidade de Lucerna onde viveu na obscuridade. O meu pai apreciava profundamente Beaufort e sentiu-se muito triste com o seu afastamento. Ele deplorou com amargura o falso orgulho que levou o seu amigo a agir segundo uma conduta tão pouco meritória do afecto que os unia. Não perdeu tempo e procurou-o, na esperança de o convencer a começar de novo com o seu apoio.

Beaufort conseguira ocultar-se e dez meses passaram antes de o meu pai poder encontrá-lo. Encantado com a sua descoberta, apressou-se a partir para a casa situada numa

rua miserável perto de Reuss. Mas quando entrou, deu logo com miséria e desespero. Beaufort apenas salvara da derrocada uma pequena quantia, que mal chegava para lhe permitir viver durante alguns meses. Contava arranjar, entretanto, um emprego digno, em casa de um negociante, mas a inacção pesava-lhe de tal modo que, ao fim de três meses, caiu doente.

A filha tratou-o com a maior afeição, mas viu com desespero que a sua pequena reserva diminuía rapidamente e não havia nenhum auxílio em perspectiva. Contudo, Caroline possuía uma força de carácter pouco comum, e a sua coragem aumentou para assistir ao pai na adversidade. Arranjou pequenos trabalhos; entrançou vergas para fazer cestos e conseguiu ganhar com que viver.

Vários meses decorreram desta maneira. O estado do pai piorou. Ela passou o tempo a tratá-lo; ao fim de dez meses, Beaufort morreu-lhe nos braços, deixando-a sozinha e sem nenhuns recursos. Acabrunhada, chorava amargamente, ajoelhada junto do caixão, quando o meu pai entrou no quarto. Ela entregou-se nas suas mãos. Depois do enterro levou-a para Genebra onde a confiou a gente de confiança. Passados dois anos, Caroline tornou-se sua mulher.

Havia uma grande diferença de idade entre os meus pais, mas isso até parecia aumentar-lhes a afeição. O meu pai possuía um sentido de justiça que o teria impedido de amar se não estimasse. Entrava admiração no seu entusiasmo pela mulher. Talvez durante os primeiros tempos ele tivesse julgado não ser merecedor do seu afecto e, por isso, dispôs-se a esforçar-se ainda mais. Havia um misto de gratidão e devoção no seu relacionamento com a minha mãe, totalmente diferente do afecto da idade, pois era inspirado pela reverência das suas virtudes e pelo desejo de recompensá-la pelo que ela já sofrera. Tudo fazia para lhe satisfazer os desejos e assegurar o conforto. Esforçava-se por protegê-la tanto como um jardineiro protege as suas plantas exóticas de todos os ventos fortes e cercava-a de tudo quanto pudesse despertar-lhe emoções agradáveis e um espírito benevolente. A saúde de minha mãe ficara comprometida com tudo por

que passara. Durante os dois anos que precederam o casamento, o meu pai abandonara aos poucos as suas funções públicas e, logo a seguir à sua união, foram procurar uma mudança de atmosfera sob o agradável céu de Itália. Visitaram juntos a Alemanha e a França. Eu, o filho mais velho, nasci em Nápoles e, desde muito pequeno, acompanhei-os nas suas excursões. Fiquei filho único durante vários anos. Os carinhos enternecidos de minha mãe e o sorriso feliz de meu pai quando me fitava constituem as minhas primeiras recordações. Era o brinqueado e o amor deles e, para tudo dizer, o seu filho, o ser inocente e fraco dado pelo Céu para o educarem para o bem.

Em cada hora da minha infância recebi uma lição de paciência e de caridade; era como que guiado por um fio de ouro, de tal forma que a vida me parecia uma série de alegrias.

Durante muito tempo, fui o único pensamento dos meus pais. No entanto, a minha mãe desejaria antes ter uma filha. Completara quase cinco anos quando fizeram uma excursão a Itália e passaram uma semana nas margens do lago de Como. A sua caridade levava-os muitas vezes a entrar na casa dos pobres. Para minha mãe isso representava mais do que um dever: era, em lembrança do que sofrera, o desejo de tornar-se, por sua vez, o anjo protector dos infelizes. Durante um dos seus passeios, uma pobre choça no oco de um vale atraiu-lhes a atenção. À sua volta brincavam crianças vestidas de andrajos; tudo revelava a miséria mais sombria. Um dia em que o meu pai seguira sozinho para Milão, a minha mãe levou-me a visitar essa casa. Demos com um camponês e a mulher a distribuir uma magra refeição a cinco crianças esfomeadas. Uma delas atraiu particularmente a nossa atenção. Era uma rapariguinha que parecia de uma raça diferente. As quatro crianças restantes eram sólidos rapagões pequenos de olhos negros, mas ela era delgada e muito loura, os cabelos tinham tons vivos, brilhantes e dourados e, apesar da pobreza da roupa, parecia usar uma coroa na cabeça. A sua testa era clara e ampla, os olhos de um azul límpido, e os lábios e a forma do rosto eram tão

expressivos de sensibilidade e doçura que ninguém podia contemplá-la sem ver nela uma grande distinção, um ente descido do céu que revelava em todas as suas feições a marca celestial.

A camponesa, ao ver que a minha mãe fitava aquela encantadora menina com admiração, apressou-se a contar-lhe a sua história. A mãe, uma alemã, morrera ao deitá-la ao mundo, tinham-na deixado em casa desta boa gente, que na altura era mais abastada, o pai da menina era um italiano educado na lembrança da antiga glória da Itália, um dos *shivi ognor frementi* que lutavam pela liberdade do seu país. Tornou-se a vítima do seu ideal e não se sabia se tinha morrido ou se definhava numa prisão austríaca. Os seus bens foram confiscados, a filha tornou-se órfã e pobre, ficou em casa dos pais de leite e desabrochou naquele casebre sombrio, mais bela do que uma rosa no meio das sarças.

Quando o meu pai regressou de Milão, encontrou, a brincar comigo no vestíbulo da nossa moradia, uma menina mais bonita do que os anjos, cujo rosto parecia irradiar luz e cujos movimentos eram mais leves do que os das cabras-monteses nas montanhas. A aparição depressa foi explicada. Com a sua licença, a minha mãe conseguiu convencer os rústicos guardiões a deixá-la encarregar-se dela. Gostavam da meiga órfã. A sua presença parecera-lhes uma bênção, mas seria injusto criá-la na pobreza quando a Providência lhe proporcionou uma tão poderosa protecção. Os pobres camponeses consentiram após consultarem o cura da aldeia, e Elizabeth Lavenza veio viver com os meus pais. Tornou-se mais do que minha irmã, a minha bela e adorada companheira para todas as tarefas e prazeres. Toda a gente gostava dela. A inclinação apaixonada e quase respeitosa que todos sentiam por ela, tornou-se, porque a compartilhava, o meu orgulho e a minha alegria. Na véspera do dia em que foi levada para nossa casa, a minha mãe disse-me a rir:

– Tenho um lindo presente para o meu Victor, que o vai receber amanhã.

E quando, no dia seguinte, me anunciou que Elizabeth era o presente prometido, com o ar sério de uma criança

tomei à letra as suas palavras, considerando Elizabeth como minha... minha apenas, para protegê-la, amá-la e acarinhá-la. Tratávamo-nos familiarmente pelo nome de primos. Nenhuma palavra, nenhuma expressão podem dar uma ideia do que ela era para mim... mais do que uma irmã... pois até morrer iria ser só minha.



## Capítulo Segundo

Fomos criados juntos. Havia um ano de diferença entre nós, entendíamos-nos perfeitamente e o contraste dos nossos caracteres, longe de separar-nos, unia-nos ainda mais. Elizabeth era mais calma e mais ponderada, eu era mais apaixonado e mais impaciente por aprender. Ela gostava de partilhar os devaneios dos poetas e admirava a beleza das maravilhosas paisagens que cercavam a nossa casa da Suíça, a forma sublime das montanhas, a mudança das estações e o silêncio do Inverno, a vida agitada no nosso Verão alpino. Enquanto a minha companheira contemplava o magnífico aspecto das coisas, comprazia-me eu a procurar a causa. O mundo era para mim um segredo que desejava conhecer. A curiosidade, o anseio forte de aprender as leis ocultas da natureza, o regozijo semelhante ao arrebatamento, tal como me foram desvendados, encontram-se entre as primeiras sensações de que me recordo.

Com o nascimento de um segundo filho, quando eu tinha sete anos, os meus pais abandonaram toda a sua vida errante e instalaram-se no seu país natal. Tínhamos, além da nossa casa de Genebra, uma propriedade em Belrive na margem do lago; aí vivemos muito retirados. A minha natureza levava-me a evitar a multidão, mas liguei-me mesmo assim de grande amizade com um dos meus companheiros de classe, Henry Clerval, filho de um negociante de Genebra. Era um rapaz cheio de fantasia e de talento, trabalhador e,

com o gosto do risco, conhecia bem os romances de cavalaria. Compunha canções heróicas e fazia-nos representar peças e montar mascaradas cujos personagens eram os heróis de Roncesvales, os cavaleiros da Távola Redonda do rei Artur e os cruzados que verteram o seu sangue para arrancar o Santo Sepulcro às mãos dos infiéis.

Nenhum ser humano pode ter passado uma infância mais feliz do que a minha. Os meus pais possuíam um verdadeiro espírito de bondade e de indulgência. Sentíamos que não eram tiranos que nos impusessem os seus caprichos, mas os agentes e criadores de todas as muitas delícias de que usufruíamos. Quando me juntava com outras famílias, apercebia-me perfeitamente de como éramos afortunados e a gratidão unia-se ao desenvolvimento do amor filial.

O meu carácter era, por vezes, violento e apaixonava-me por certas coisas que me agradavam. Devo confessar que as línguas vivas, a administração e a política não exerciam qualquer atractivo para mim. Desejava, sobretudo, aprender os segredos da terra e do céu; as minhas pesquisas eram sempre dirigidas para a metafísica ou a física no seu sentido mais lato.

Entretanto, Clerval ocupava-se de certo modo do lado moral da vida. Interessava-se pelos seres humanos, pelas proezas dos heróis, e o seu sonho maior era tornar-se um desses audaciosos benfeitores dos homens, cujo nome passa à posteridade. A alma pura de Elizabeth velava sobre nós como um anjo da guarda, o seu afecto era-nos dedicado, a sua voz doce e a ternura dos seus olhos estavam sempre presentes para nos aprovar e encorajar. Representava o espírito vivo do amor, sedutor e reconciliante. Os meus estudos e a minha natureza ardente teriam podido tornar-me sombrio e brutal, se ela não se encontrasse ali para dar-me o exemplo da sua doçura. E Clerval (nada poderá alguma vez ofuscar a sua memória!) talvez não tivesse sido tão perfeitamente humano, atento e generoso, apesar da sua paixão pelas proezas temerárias, se ela não lhe houvesse ensinado o que era a verdadeira bondade e dirigido a sua ambição para o bem.

Sinto um prazer imenso a demorar-me nas recordações da infância, antes de o infortúnio me haver abalado o espírito e transformado as suas brilhantes visões de grande alegria em melancólicas e restritas reflexões. Além disso, ao traçar o quadro dos meus primeiros tempos, também recorro aqueles acontecimentos que conduziram, através de degraus insensíveis, ao meu período de infortúnio, pois quando penso no nascimento dessa paixão que mais tarde governou o meu destino, sinto-o provir, como um rio da montanha, de nascentes ignóbeis e quase esquecidas; mas, engrossando o caudal, transformou-se na torrente que, no seu curso, varreu todas as minhas esperanças e alegrias.

A filosofia da natureza orientou a minha vida e é por isso que tenho de contar-vos o que me fez amá-la particularmente. Com a idade de treze anos, partimos em excursão com amigos até próximo de Thonon. O mau tempo obrigou-nos a ficar durante um dia inteiro na estalagem. Aí encontrei por acaso um volume das obras de Cornélio Agripa. Encarei-o primeiro com indiferença, mas depressa fiquei entusiasmado com as teorias que ele tenta demonstrar e com os feitos maravilhosos que relata. Parecia fazer-se-me luz no espírito e precipitei-me para casa do meu pai a comunicarlhe a descoberta. Ele olhou negligentemente para o título do livro e disse:

– Ah! Cornélio Agripa! Não percas o teu tempo com esta obra sem interesse.

Se, em vez desta resposta evasiva, o meu pai se tivesse dado ao trabalho de me explicar que os princípios de Agripa estavam inteiramente ultrapassados e que depois dele se haviam feito descobertas fundadas em realidades práticas, ao passo que as suas teorias não passavam de puras quimeras, eu teria certamente posto Agripa de lado e contentado a minha imaginação sobreexcitada retomando com mais ardor do que nunca os estudos habituais. Sem dúvida, mesmo as minhas ideias nunca teriam recebido o impulso fatal que conduziu à minha perda. O olhar negligente que o meu pai lançara ao livro não me convencera de modo algum que lhe conhecia o conteúdo, e prossegui a leitura ainda com maior avidez.

Quando voltei para casa, o meu primeiro cuidado foi arranjar as obras completas deste autor assim como as de Paracelso e de Alberto Magno. Parecia-me que estes tesouros só de mim eram conhecidos. Já vos disse que sempre fui impellido a procurar os segredos da natureza, mas, apesar do intenso labor e das maravilhosas descobertas de filósofos modernos, os meus estudos tinham-me sempre deixado descontente e insatisfeito. Diz-se que Sir Isaac Newton se comparava a uma criança que apanha conchas na margem do imenso oceano inexplorado da verdade. Os seus sucessores, que encontrei nos diferentes ramos das ciências naturais, pareceram-me, na minha candura, serem noviços entregando-se à mesma ocupação.

O camponês ignorante observa os elementos que o rodeiam e conhece o seu uso prático. O maior filósofo não sabe muito mais. Desvendou parcialmente a face da natureza, mas os seus traços imortais ficam sempre para ele um enigma e um mistério. Ele pode dissecar, anatomizar e atribuir nomes, mas não falar de uma causa final; as causas nos seus graus secundários e terciários são-lhe totalmente desconhecidas. Tinha visto os obstáculos que parecem defender a cidadela da natureza e fora louco e desconhecedor o bastante para sentir remorsos. Mas certos homens pretendiam saber mais. Acreditei no que afirmavam e tornei-me discípulo deles.

Aqui, porém, havia livros e aqui havia homens que tinham penetrado mais fundo e sabiam mais. Tomei à letra tudo quanto afirmaram e tornei-me discípulo deles. Pode parecer estranho que uma coisa assim aconteça no século XVIII, mas enquanto eu seguia a rotina da educação nas escolas de Genebra, era também, em alto grau, um autodidacta no respeitante aos meus estudos favoritos. O meu pai não era um cientista e tive de debater-me contra a cegueira infantil, acrescentada à sede de um estudante pelo conhecimento. Sob a influência destes novos mestres, cheguei à pesquisa da pedra filosofal e do elixir da vida; esta última, em breve, ocupou toda a minha atenção. A riqueza não contava para mim, mas apenas a glória da descoberta, se pudesse afastar

a doença do corpo humano e tornar o homem invulnerável a tudo, excepto a uma morte violenta.

Não era eu o único a ter tais sonhos. A evocação dos fantasmas ou dos diabos constituía uma coisa prometida pelos meus autores favoritos, cuja realização procurava com impaciência e, se os meus encantamentos foram sempre mal sucedidos, atribuí-o mais à falta de experiência e aos erros do que à ignorância dos professores. Assim, estudava métodos já condenados, misturando como um principiante mil teorias contrárias e debatendo-me desesperadamente num amálgama de conhecimentos múltiplos, guiado por uma imaginação desbordante e um raciocínio de criança, até ao dia em que um incidente veio mais uma vez alterar o curso das minhas ideias.

Tinha cerca de quinze anos, quando um dia em que nos encontrávamos na nossa casa de Belrive, assisti a uma violenta trovoadas proveniente das montanhas do Jura. O raio caiu do céu com um ruído aterrador. Estava na soleira da porta quando vi um rasto de fogo vindo do velho carvalho que ficava a cerca de vinte metros da casa. O carvalho desapareceu ao mesmo tempo que a luz deslumbrante, apenas deixando em seu lugar um tronco calcinado. Quando fui vê-lo, na manhã seguinte, verifiquei que a árvore fora partida de um modo singular. Não tinha rebentado pela violência do choque, mas ficara reduzida a finas lâminas de madeira. Nunca vira nada assim tão totalmente destruído.

Conhecia já um pouco as leis mais simples da electricidade, mas nesse dia estava por acaso junto de nós um homem que se interessava pela filosofia natural e que, apaixonado por este fenómeno, nos explicou as suas teorias sobre a electricidade e o galvanismo. Tudo quanto disse atirava para a sombra Cornélio Agripa, Alberto Magno e Paracelso; o que durante tanto tempo me apaixonara pareceu-me desprezível. Por um destes caprichos do espírito aos quais estamos talvez mais sujeitos na juventude, abandonei logo os meus antigos trabalhos. Desdenhei dessa aparência de ciência que jamais se aproximaria dos verdadeiros conhecimentos. Voltei-me para as matemáticas e as suas aplicações,

julgando-as dignas do meu interesse pois se acham construídas sobre bases seguras.

As nossas almas são assim curiosamente feitas, e imponderáveis conduzem-nos ao êxito ou ao fracasso. Quando olho para trás, parece-me que esta mudança miraculosa de orientação foi a inspiração do meu anjo-da-guarda, o derradeiro esforço feito pelo instinto de conservação para evitar a tempestade já suspensa por cima da minha cabeça e prestes a esmagar-me.

A sua vitória manifestou-se por uma tranquilidade de espírito e uma felicidade a que já não estava habituado. Deste modo aprendi a associar a ideia do mal às minhas pesquisas e a felicidade ao seu abandono.

Foi um grande esforço feito pelo espírito do bem, mas revelou-se inócuo. O destino era poderoso de mais e as suas leis imutáveis haviam decidido o meu completo e terrível aniquilamento.